

Os iemenitas não podem mais esperar

Uma vez rotulada de “guerra esquecida” por falta de atenção internacional, a guerra no Iêmen causou uma crise humanitária tão grande que é impossível ignorá-la. Devido à sua rápida escalada e natureza devastadora, é absolutamente urgente contê-la.

Em resposta à crescente consciencialização do sofrimento dos iemenitas, os grupos de ajuda humanitária têm agido corajosamente no meio de linhas de batalha, tentando aliviar o sofrimento daqueles que se encontram em situações desesperadas, apesar das várias e frequentes obstruções.

Antes da guerra, o Iêmen já era o país árabe mais pobre, e três anos de conflito mergulharam-no ainda mais numa situação angustiante. Um surto de cólera sem precedentes – com mais de um milhão de casos – ultrapassa qualquer outra epidemia conhecida da doença na história, sublinhando o colapso do sistema de saúde iemenita. Cerca de metade das unidades de saúde do país deixaram de funcionar ou apresentam graves deficiências.

Desnutrição severa

Outras doenças, como a difteria, estão se espalhando rapidamente. Abdulaziz al-Sabri, jornalista de Taiz, disse que desde que os catadores de lixo não foram pagos e pararam de trabalhar, a saúde pública se deteriorou ainda mais.

Há milhões de pessoas malnutridas, incluindo dois milhões de crianças com menos de cinco anos de idade, que estão aguda ou severamente malnutridas e que não podem receber a assistência necessária para salvar vidas. O bloqueio da Arábia Saudita impede a entrada livre de alimentos essenciais no país e o clima de guerra impede que a ajuda que consegue obter entre em

zonas civis.

As ONGs tomaram recentemente mais medidas para conter a crescente crise sanitária no Iêmen, incluindo o lançamento de um programa de vacinação contra a cólera, embora com 18 meses de atraso. Juntamente com outras medidas da Organização Mundial de Saúde e do Banco Mundial para estabilizar os sistemas de saúde e saneamento, isto marca um novo passo na contenção da crise sanitária.

No entanto, existem vários obstáculos. Poderá ocorrer um surto de cólera à medida que a estação das chuvas se aproxima e, em algumas zonas do país, as datas de lançamento do programa de vacinação ainda não foram negociadas. Este é particularmente o caso em áreas sob controle huthi, que muitas vezes bloqueiam o trabalho dos trabalhadores humanitários em meio à desconfiança das organizações internacionais.

O porta-voz da OMS, Tarik Jasarevic, observou também que em várias zonas de conflito em todo o Iêmen é difícil implementar o programa de vacinação e prestar outra ajuda, sublinhando a necessidade de “circulação sem restrições e constante de fornecimentos e pessoal”. Outras organizações de ajuda, incluindo a Cruz Vermelha, relataram dificuldades no acesso de civis a zonas de conflito, como Sanaa e Taiz.

Epidemias em expansão

Com estes factores em mente, juntamente com a realidade do sistema de saúde destruído do Iêmen, é improvável que a vacina por si só possa conter a epidemia de cólera.

O braço humanitário da ONU estabeleceu um orçamento de ajuda de 3 mil milhões de dólares para o Iêmen, metade do qual terá de ser financiado. Países como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Reino Unido fizeram algumas contribuições nos últimos meses, mas isso só servirá para mitigar uma fração dos sintomas e não a causa, que é a guerra em curso no Iêmen, alimentada por esses mesmos países.

Ahmad Alghobary, fundador do grupo de ajuda humanitária Esperança e Alívio, baseado no Iêmen, advertiu que a cólera e a difteria “continuarão a se espalhar como um incêndio enquanto o sistema de saúde iemenita permanecer fragmentado”. Embora os trabalhadores humanitários possam prestar algum alívio a curto prazo, não serão capazes de alcançar um resultado verdadeiramente eficaz enquanto continuarem a surgir problemas de saúde graves.

É de salientar que a crise sanitária do país foi criada esmagadoramente pelo homem. A cólera está presente no Iêmen há décadas antes de se propagar rapidamente devido ao conflito, mas seria um problema enfrentado por muitos outros sistemas de saúde em todo o mundo.

No entanto, se a situação se agravou, deveu-se a ataques deliberados a instalações de saúde, perpetrados sobretudo pela coligação liderada pela Arábia Saudita, numa tentativa de enfraquecer as zonas rebeldes.

Crise internacional

A guerra no Iêmen é internacional e, por conseguinte, exige uma solução internacional. É praticamente impossível para qualquer um dos lados alcançar a vitória absoluta. A coligação liderada pela Arábia Saudita tem o apoio militar implacável dos EUA, Reino Unido e França e, no entanto, as forças rebeldes continuam surpreendentemente fortes. Nenhum dos lados quer ceder terreno.

Embora o Reino Unido deva assumir um papel de liderança na crise, uma vez que a proposta de resolução sobre o Iêmen foi elaborada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, negligenciou esse dever. A mais recente utilização do seu poder refletiu-se numa resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas destinada a condenar a influência do Irã no Iêmen, em vez de se concentrar na consecução de um cessar-fogo ou na entrada sem restrições de ajuda. O Governo do Reino

Unido, por si só, não vai resolver a crise sanitária do Iêmen.

É vital que grupos activistas e políticos exerçam pressão sobre regimes como os do Reino Unido e dos EUA para que ponham termo à venda de armas e ao apoio político à coligação liderada pela Arábia Saudita. Esse ativismo foi bem-sucedido quando a Alemanha se preparou para acabar com a venda de armas à coalizão e quando a pressão internacional forçou a Arábia Saudita a levantar parcialmente o bloqueio.

A curto prazo, a maior esperança é que as facções beligerantes permitam que os grupos de ajuda entrem em ação e salvem vidas. As necessidades dos civis devem ser separadas dos conflitos e os abastecimentos vitais, como os alimentos e os medicamentos, devem poder chegar àqueles que mais precisam deles.

Sustentando a economia do Iêmen

Os agentes humanitários internacionais devem colaborar com as autoridades nacionais e locais para ajudar a recuperar as instalações sanitárias do país. A ajuda alimentar e o fim da guerra não são suficientes para prevenir a subnutrição e a fome; os iemenitas estão sem pagamento há meses, especialmente nas zonas Hudid, devido a uma burocracia mal gerida.

Algothbary recomenda uma resposta internacional para sustentar a economia do Iêmen, promover o empreendedorismo e criar oportunidades de emprego. Entretanto, será necessário um maior apoio alimentar e um acesso gratuito aos alimentos para aliviar a subnutrição a curto prazo.

Sem essas iniciativas, milhões de iemenitas podem morrer de fome, enquanto crianças desnutridas sofrerão de crescimento retardado e capacidade intelectual limitada, impactos que persistirão por muito tempo após o fim do conflito.

Os atores globais devem abordar este episódio caótico da história o mais urgentemente possível para minimizar tanto sofrimento e prevenir um tsunami de mortes. Os iemenitas não

podem esperar mais.

Original: [Middle East Eye](#)